

Yamada Kentarô. *Eigoban Anime Sakuhin ni miru Hon'yaku no Mondai 2: Tonari no Totoro no Baai. Kenritsu Nagasaki Shiiboruto Daigaku Kokusai Jôhô Gakubu Kiyô*, v. 6, 2005. p. 273-284. 山田健太郎 (2005) 「英語版アニメ作品に見る翻訳の問題2: 『となりのトトロ』の場合」 『県立長崎シーボルト大学国際情報学部紀要』第6号

Considerações sobre a epístola *A Pamáquio*: sobre a melhor maneira de traduzir de São Jerônimo¹

Tradução e revisão de Luciana Malacarne²
Maria Cristina Martins³

Introdução

Eusébio Sofrônio Hierônimo (em latim, *Eusebius Sophronius Hieronymus*) nasceu em Stridon (ou Estridão), na Dalmácia (atual Eslovênia), entre 345 e 347, e morreu em 419 ou 420. Mesmo não sendo precisas as datas de nascimento e de morte, é inegável que Jerônimo teve vida longa. Em seus mais de 70 anos vividos, dedicou-se inteiramente ao estudo e à escrita. Dos 12 aos 16 anos foi discípulo do gramático Donato, de quem chamou a atenção por ser um aluno brilhante, tendo, por sua influência, aplicado a técnica de comentar os textos bíblicos versículo por versículo. Jerônimo é reconhecido como santo por católicos, ortodoxos, luteranos e anglicanos: não por ter realizado milagres, mas por ter sido enviado por Deus para pregar ou expandir a sua palavra, através da Bíblia que ele popularizou e permitiu que a compreendessem melhor, pela sua tradução diretamente do hebraico, realizada entre 390 e 405. É justamente pela tradução da Bíblia que realizou, a *Vulgata*, que São Jerônimo é mais conhecido no ambiente intelectual e literário. Porém, a sua obra é muito extensa: começou traduzindo os gregos, como por exemplo, a *História Eclesiástica*, de Eusébio de Cesareia, e as *Crônicas*, de Orígenes. Em seguida, fez comentários exegéticos sobre a Bíblia, escreveu comentários (*Commentarii*) sobre todos os profetas do Antigo Testamento, além de crônicas, escritos polêmicos (apologias contra diversas personalidades), centenas de cartas, de assuntos variados,

1 Título original: *Ad pammachium: de optimo genere interpretandi. Epistola LVII – excerptos.*

2 Aluna do Bacharelado em Filosofia e bolsista de Iniciação Científica FAPERGS, sob orientação da professora Maria Cristina Martins.

3 Professora de Latim, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Instituto de Letras, UFRGS.

entre outros escritos, já que produziu continuamente durante 35 anos. Além de monge, asceta e conselheiro espiritual, São Jerônimo foi um dos maiores intelectuais do Ocidente de todos os tempos: foi tradutor (atualmente patrono dos tradutores, bibliotecários e enciclopedistas), filólogo, historiador, teólogo.

Durante toda a sua vida, Jerônimo precisou se defender das acusações que lhe foram atribuídas, como, por exemplo, das calúnias em relação à sua amizade com Paula (depois Santa Paula), mas também de várias acusações que lhe faziam por causa de suas ideias, tanto em relação aos dogmas da Igreja quanto a várias questões de ordem moral e intelectual, das quais uma diz respeito ao objeto deste trabalho: as acusações de ser um mau tradutor, um mentiroso e um falsário.

Na verdade, como tudo em sua vida, São Jerônimo foi um homem de grandes contradições. Podemos citar pelo menos duas que o acompanharam até o fim de sua vida: uma delas foi a impossibilidade de se afastar de seus livros e da cultura latina, à qual devia a sua formação. Como um homem que pregava para os outros e para si mesmo o desapego das coisas materiais, isso foi um sofrimento para ele. Ainda em relação à cultura latina, por ser cristão, culpava-se de ler os grandes autores pagãos e de tê-los como modelo, a saber, principalmente Virgílio, Cícero, Horácio e Plauto, constantemente citados por ele. Na carta 22 (*Ad Eustoquium*), São Jerônimo relata o seu famoso sonho, em que Deus se apresenta a ele caracterizando-o como ciceroniano e não cristão (*Ciceronianus es, non christianus*). No que diz respeito à tradução, inegavelmente, São Jerônimo foi um continuador da tradição romana, cujo principal expoente é Cícero. Mas antes de Cícero, Lívio Andrônico, grego de nascimento, inaugura, no século III, a literatura latina em tradução, com *Odissa*, obra em que traduziu e, talvez mais do que isso, adaptou a Odisseia de Homero ao latim. Lívio Andrônico é considerado o primeiro tradutor europeu. De fato, na tradição ocidental, devemos aos romanos os primeiros esforços e reflexões nessa área. Mas foi Cícero o primeiro a tecer comentários que se aproximam de considerações teóricas sobre a tradução. Para este autor, existiam dois tipos de tradução: a literal, feita palavra por palavra, e a que se prendia ao sentido, que se preocupava em produzir um texto na língua final que valorizasse a boa expressão, respeitando a pureza e a elegância da língua. Fazia, assim, do tradutor também um *auctor*, pois em seu *Libellus de optimo genere oratorum* adverte que não se deve traduzir “palavra por palavra” (*uerbum pro uerbo*), mas sim “sentido pelo sentido” (*sensum de sensu*). Esse tipo de tradução estava bastante atrelada à retórica, por isso para Cícero havia a tradução literal do *interpretes* e a do *orator*. Jerônimo por um bom tempo seguiu essas recomendações. Vê-se inclusive a influência de Cícero no próprio título da carta que iremos abordar – *De optimo genere interpretandi*. Pouco a pouco, em razão da tradução que fazia dos textos religiosos e da Bíblia em particular, a partir do hebraico, São Jerônimo precisou se voltar a uma tradução mais literal, para não fugir do sentido original e não ser criticado como infiel aos textos sagrados. No entanto,

uma tradução estritamente literal também é rejeitada por São Jerônimo, por isso, eventualmente, ele adota os princípios ciceronianos⁴.

Passemos agora aos trechos da carta *Ad Pammachium: de optimo genere interpretandi* (*A Pamáquio: sobre a melhor maneira de traduzir*), na qual São Jerônimo precisou se defender das acusações de ser um mau tradutor, com uma breve contextualização do momento histórico em que a mesma se insere.

1 *Ad Pammachium: de optimo genere interpretandi* – “A Pamáquio: sobre a melhor maneira de traduzir” (Excertos)

Pamáquio e Jerônimo eram amigos e colegas de longa data, pois ambos foram discípulos de Donato. Em 395, ano em que a carta foi escrita, Pamáquio era senador romano e recém viúvo de Paulina, filha de Paula (Santa Paula) e uma das mulheres aristocratas que fazia parte do círculo de estudos bíblicos e de aconselhamento espiritual presidido por São Jerônimo.

Em 394, Jerônimo traduziu uma carta (51) do bispo Epifânio de Salamina ao também bispo João, de Jerusalém, sob circunstâncias que ele descreve no parágrafo 2: traduziu-a a pedido de Eusébio de Cremona, tendo sido acordado entre eles que a carta não viesse a público. Porém, a tradução foi roubada – como Jerônimo supôs (parágrafo 12), por um discípulo de Rufino, que, na época, era seu inimigo por questões dogmáticas em torno do origenismo. Jerônimo foi acusado de ter traduzido de maneira incorreta a carta grega original, o que o leva a se defender na carta 57, expondo seu método de tradução, conforme o parágrafo 5.

Selecionamos os seguintes parágrafos da carta 57: o primeiro e o segundo explicam as circunstâncias que levaram Jerônimo a traduzir uma carta do grego e o roubo da tradução, possibilitando aos seus adversários que o acusassem de falsário e mau tradutor. No capítulo 5, Jerônimo defende-se invocando a autoridade de Cícero e de Horácio, autores clássicos que lhe servem como mestres na arte da tradução. Fala, ainda, que, como um continuador dessa tradição romana de tradução, ele procura traduzir o “sentido pelo sentido” e não “palavra por palavra”. No sexto parágrafo, Jerônimo diz que existem inúmeros autores que traduziram conforme o sentido e que seria impossível nomear a todos, mas que daria como exemplo Hilário, o Confessor, que traduziu do grego para o latim homilias sobre Jó e vários tratados sobre os Salmos. No parágrafo 10, Jerônimo argumenta sobre um outro aspecto que leva os tradutores a se distanciarem um pouco da língua de origem, o que seria um tipo de adaptação. Assim, exemplifica através de um trecho do evangelista Lucas, no qual ele se refere a uma passagem do Antigo Testamento, não a traduzindo literalmente. Igualmente, no parágrafo 10, Jerônimo faz referência a um Salmo

⁴ Trataremos da problemática da tradução em São Jerônimo numa pesquisa desenvolvida pela professora Maria Cristina Martins, com base na análise de suas cartas e de outros escritos em que o autor tece comentários filológicos sobre a tradução do hebraico e do grego para o latim.

em que na *Septuaginta* são adicionadas algumas palavras que não faziam parte do original hebraico. Conclui, assim, no parágrafo 10, que do mesmo modo que nas traduções da Bíblia houve liberdade de tradução, ele mesmo, na pressa de ditar, pode ter omitido algumas palavras, mas que isso não representaria um risco para a Igreja. No parágrafo 11, Jerônimo continua a argumentação a respeito das omissões e acréscimos que fizeram parte da *Septuaginta*, e que isso não foi um motivo para que esta versão da Bíblia deixasse de ser considerada pela Igreja. Ao contrário, um certo Áquila, prosélito judeu e tradutor, esforçou-se para traduzir a Bíblia literalmente, inclusive indicando a etimologia de certas palavras, mas isso não levou a que a sua tradução fosse reconhecida pela Igreja. Conclui o parágrafo 11 dizendo que há palavras que soam bem em grego, mas que se traduzidas literalmente não soarão bem em latim e vice-versa. No capítulo 12, Jerônimo dá exemplos de erros que ele teria cometido na tradução da referida carta, como, por exemplo, um simples adjetivo grego que ele preferiu traduzir no grau superlativo. Neste mesmo parágrafo, nomeia Rufino e Melânia como mestres de quem o está acusando. A carta termina no parágrafo 13, onde Jerônimo se despede e diz que Pamáquio, ao comparar o original grego e a sua tradução, poderá constatar as críticas que lhe imputaram.

I. Paulus Apostolus, praesente Agrippa rege, de criminibus responsurus, quod posset intelligere qui auditurus erat, securus de causae victoria statim in principio sibi gratulatur, dicens: "De omnibus quibus accusor a Iudaeis, o rex Agrippa, existimo me beatum, cum apud te sim hodie defendendus, qui praecipue nosti cunctas quae in Iudaeis sunt consuetudines et quaestiones." Legerat enim illud Iesu: "Beatus qui in aures loquitur audientis", et noverat tantum oratoris verba proficere, quantum iudicis prudentia cognovisset. Unde et ego beatum me in hoc duntaxat negotio iudico, quod apud eruditas aures imperitae linguae responsurus sum: quae obiicit mihi vel ignorantiam, vel mendacium; si aut nescivi alienas litteras vere interpretari, aut nolui: quorum alterum error, alterum crimen est. Ac ne forsitan accusator meus facilitate, qua cuncta loquitur, et impunitate, qua sibi licere omnia putat, me quoque apud vos argueret, ut Papam Epiphanium criminatus est, hanc epistolam misi, quae te, et per te alios, qui nos amare dignantur, rei ordinem doceat.

I. O Apóstolo Paulo, em presença do rei Agripa, tendo a intenção de responder sobre as acusações <que lhe eram imputadas>, imediatamente se congratula – seguro da vitória de sua causa, porque aquele que estava disposto a ouvir poderia compreender –, dizendo: "de todas as coisas de que sou acusado pelos judeus, ó rei Agripa, considero-me feliz, que eu esteja hoje junto a ti para me defender, tu que especialmente tomaste conhecimento de todas as coisas que são costumes e problemas entre os judeus". Na verdade, <o Apóstolo> tinha lido isto de Jesus: "Feliz aquele que fala para ouvidos que ouvem", e ele estava convencido de que as palavras do orador são tanto úteis quanto tenha conhecimento do bom senso do juiz. Daí que eu também me considero feliz pelo menos nesse assunto jurídico, pois junto a sábios ouvidos hei de responder a uma língua imperita, a qual joga sobre mim ou a ignorância ou a mentira – das quais uma é erro, e a outra é crime –, se não soube ou não quis traduzir corretamente uma carta estrangeira. E para que o meu acusador não me acuse junto a vós, como também acusou o Papa Epifânio, porque pensa ser permitido todas as coisas de que fala com facilidade e com impunidade, enviei esta carta, para que a ti e, através de ti, a outros, que consideram digno nos amar, informe o encadeamento do assunto.

II. Ante hoc ferme biennium miserat Ioanni Episcopo supradictus Papa Epiphanius litteras, arguens eum in quibusdam dogmatibus, et postea clementer ad poenitentiam provocans. Harum exemplaria certatim Palaestinae rapiebantur, vel ob auctoris meritum, vel ob elegantiam scriptionis. Erat in monasterio nostro vir apud suos haud ignobilis, Eusebius Cremonensis, qui cum haec Epistula per multorum ora volitaret, et mirarentur eam pro doctrina et puritate sermonis, docti pariter et indocti, coepit a me obnixè petere, ut sibi eam in Latinum verterem, et propter intelligendi facilitatem apertius explicarem: Graeci enim eloquii penitus ignarus erat. Feci quod voluit; accitoque Notario, raptim celeriterque dictavi: ex latere in pagina breviter adnotans, quem intrinsecus sensum singula capitula continerent. Siquidem et hoc ut sibi soli facerem, oppido flagitavit: postulaviq; ab eo mutuo, ut domi haberet exemplar: nec facile in vulgus proderet. Res ita anno et sex mensibus transiit: donec supradicta interpretatio de scriniis eius novo praestigio Ierosolymam commigravit. Nam quidem Pseudomonachus, vel accepta pecunia, ut perspicue intelligi datur, vel gratuita malitia, ut incassum corruptor nititur persuadere, compilatis chartis eius et sumptibus, Iudas factus est proditor: deditque adversariis latrandi contra me occasionem, ut inter imperitos concionentur, me falsarium, me verbum non expressisse de verbo: pro honorabili dixisse carissimum, et maligna interpretatione, quod nefas dictu sit, αἰδεσιμώτατον Παππαν, noluisse transferre. Haec et istiusmodi nugae crimina mea sunt.

2. Cerca de dois anos atrás, o acima mencionado o bispo Epifânio enviara uma carta ao bispo João, repreendendo-o sobre algumas de suas opiniões, e depois, com bondade, chamando-o ao arrependimento. Os exemplares desta eram roubados da Palestina, continuamente, ou pelo mérito do autor ou pela elegância do escrito. Agora havia em nosso mosteiro um homem não desprezível entre os seus, Eusébio de Cremona, aquele que – como esta carta andava na boca de muitos e que a admirassem, igualmente cultos e incultos, pelo seu ensinamento e pureza de estilo –, começou a me pedir obstinadamente para que eu lhe traduzisse para o latim e a explicasse, por causa da facilidade de entendê-la mais claramente: de fato, ele próprio era profundamente desconhecedor da língua grega. Fiz aquilo que ele quis: tendo mandado vir um notário, ditei rapidamente e às pressas, marcando brevemente no lado da página, os conteúdos de cada um dos capítulos. Tinha pedido com muita insistência que fizesse isso somente para si, que tivesse o exemplar em casa; para que não se divulgasse facilmente em público. Transcorreu um ano e seis meses do fato, e então a supracitada tradução migrou dos objetos dele para Jerusalém por uma nova artimanha. De fato, um pseudo-monge, por dinheiro recebido ou por malícia gratuita, como muito claramente é permitido se perceber, tal como um sedutor que se esforça a persuadir, se revela um novo Judas: e deu oportunidade aos meus adversários de ladrar contra mim, para que, entre os imperitos, proclamassem que sou um falsário e que não traduzi palavra por palavra: teria dito "caríssimo" em vez de "honroso" e, por má interpretação, o que seria uma atrocidade de dizer, não teria desejado traduzir αἰδεσιμώτατον Παππαν. Desta forma, estas ninharias são os meus crimes.

Omissae sunt partes 3 et 4

Foram omitidas as partes 3 e 4

V. Hactenus sic locutus sum quasi aliquid de Epistula commutaverim, et simplex translatio possit errorem habere, non crimen. Nunc vero cum ipsa Epistula doceat nihil mutatum esse de sensu, nec res additas, nec aliquod dogma confictum, "Faciunt nae intelligendo ut nihil intelligant", et dum alienam imperitiam volunt coarguere, suam produunt. Ego enim

5. Até agora falei como se tivesse alterado algo da carta de origem, e que uma simples tradução poderia ter um erro, não um crime. Agora, na verdade, como a própria carta informa nada ter sido mudado a respeito do sentido, nem coisa <alguma> acrescentada ou alguma opinião inventada "certamente, como nada entendem, se fazem de entendidos" e, enquanto que-

non solum fateor, sed libera voce profiteor, me in interpretatione Graecorum, absque Scripturis sanctis, ubi et verborum ordo mysterium est, non verbum e verbo, sed sensum exprimere de sensu. Habeoque huius rei magistrum Tullium, qui Protagoram Platonis, et Oeconomicon Xenophontis et Aeschinis ac Demosthenis duas contra se orationes pulcherrimas transtulit. Quanta in illis praetermiserit, quanta addiderit, quanta mutaverit, ut proprietates alterius linguae, suis proprietatibus explicaret, non est huius temporis dicere. Sufficit mihi ipsius translatoris auctoritas, qui ita in Prologo earumdem orationum locutus est: "Putavi mihi suscipiendum laborem utilem studiosis, mihi quidem ipsi non necessarium. Converti enim ex Atticis duorum eloquentissimorum nobilissimas orationes, inter seque contrarias, Aeschinis et Demosthenis: nec converti, ut interpretes, sed ut Orator, sententiis iisdem et earum formis, tam figuris quam verbis ad nostram consuetudinem aptis. In quibus non verbum pro verbo necesse habui reddere: sed genus omne verborum vimque servavi. Non enim me annumerare ea lectori putavi oportere, sed tanquam appendere." Rursum in calce sermonis: "Quorum ego," ait, "orationes, si, ut spero, ita expressero, virtutibus utens illorum omnibus, id est sententiis, et earum figuris, et rerum ordine: verba persequens eatenus, ut ea non abhorreant amore nostro. Quae si e Graecis omnia conversa non erunt: tamen ut generis eiusdem sint, elaboravimus." Sed et Horatius vir acutus et doctus, hoc idem in Arte Poetica erudito interpreti praecipit: Nec verbum verbo curabis reddere, fidus interpres. Terentius Menandrum, Plautus et Cecilius veteres comicos interpretati sunt. Numquid haerent in verbis: ac non decorem magis et elegantiam in translatione conservant? (...)

rem demonstram a falta de conhecimento alheia, revelam a sua. Eu, de fato, não só confesso, mas declaro livremente, que, na minha interpretação dos gregos, exceto nas Escrituras santas, onde também a ordem das palavras é um mistério, traduzo não palavra por palavra, mas sentido por sentido. E tenho como mestre desta arte Túlio <Cícero>, que traduziu "Protagoras", de Platão, "Econômico", de Xenofonte, e dois belíssimos discursos de Ésquines e de Demóstenes, um contra o outro. Quantas coisas nessas <obras> omitira, quantas acrescentara, quantas mudara, para que desenvolvesse as qualidades próprias da outra língua, nas suas particularidades, não é ocasião de narrar. É suficiente para mim a autoridade desse mesmo tradutor, que, no prólogo dos já citados discursos, disse assim: "Julguei dever empreender um trabalho útil aos estudiosos, na verdade desnecessário a mim mesmo. Com efeito, traduzi os mais conhecidos discursos, um contra o outro, originários dos dois oradores áticos mais eloquentes, Ésquines e Demóstenes; não <os> traduzi como tradutor, mas como orador, com as mesmas sentenças e formas das mesmas, tanto com as figuras <de palavras> quanto com as palavras adequadas ao nosso costume, <discursos> nos quais não tive necessidade de transmitir palavra por palavra, mas conservei toda a semelhança natural e força das palavras. De fato, não pensei que devesse, ao leitor, contar as palavras, mas, pelo contrário, pesá-las". Em seguida, no fim do prólogo dos discursos, <Cícero> diz "Os discursos se, como espero, assim expressarei, servindo-me das virtudes de todos aqueles, isto é, os sentidos e as figuras <de palavras> desses e a ordem dos assuntos, seguindo as palavras até o ponto que não fujam do nosso gosto. Se todas essas palavras não tiverem sido traduzidas a partir dos gregos, pelo menos nos esforçamos para que fossem <interpretadas> da mesma maneira. Mas também Horácio, homem sutil e douto, isso mesmo recomenda ao tradutor erudito: "Não te preocupes em traduzir palavra por palavra, fiel tradutor. Terêncio <traduziu> Menandro, Plauto e Cecílio os antigos cômicos. Por acaso se prendem às palavras e não conservam na tradução mais graça e elegância?" (...)

VI. Verum ne meorum scriptorum parva sit auctoritas (quanquam hoc tantum probare voluerim, me

6. Em verdade, com receio de que a autoridade de meus escritos seja pequena – embora apenas isto

semper ab adolescentia non verba, sed sententias transtulisse), qualis super hoc genere praefatiuncula sit, in libro quo beati Antonii Vita describitur, ipsius lectione cognosce. "Ex alia in aliam linguam expressa ad verbum translato, sensum operit; et veluti laetogramine, sata strangulat. Dum enim casibus et figuris servit oratio, quod brevi poterat indicare sermone, longo ambitu circumacta vix explicat". Hoc igitur ego vitans, ita beatum Antonium, te petente, transposui, ut nihil desit ex sensu, cum aliquid desit ex verbis. Alii syllabas aucupentur et litteras, tu quae sententias. Dies me deficiet, si omnium qui ad sensum interpretati sunt, testimonia replicavero. Sufficit in praesenti nominasse Hilarium Confessorem, qui Homilias in Iob, et in Psalmos tractatus plurimos in Latinum vertit e Graeco, nec assedit litterae dormitanti, et putida rusticorum interpretatione se torsit: sed quasi captivos sensus in suam linguam, victoris iure transposuit.

eu tenha desejado provar, que sempre, desde a adolescência, traduzi não palavras, mas significados –, examina de que natureza é, pela leitura do mesmo, o breve prefácio a respeito deste assunto no livro em que é narrada a vida do abençoado Antônio: "A expressa tradução literal de uma língua para outra encobre o sentido, assim como os campos semeados sufocam-se com a erva abundante. De fato, no momento em que o estilo se sujeita aos casos e figuras <de palavras>, aquilo que ele poderia indicar com um discurso breve, explica, com dificuldade, por meio de uma longa circunlocução. Evitando isso, portanto, traduzi desta maneira, a teu pedido, a vida do abençoado Antônio, de sorte que nada falte do sentido, ainda que falte algo das palavras. Que outros apanhem sílabas e letras; tu, procura significados". Faltar-me-á tempo, se eu referir os testemunhos de todos aqueles que traduziram conforme o sentido. No momento presente, é suficiente nomear Hilário, o Confessor, que traduziu homilias sobre Jó e vários tratados sobre os Salmos, do grego para o latim, e não se ocupou constantemente com a sonolenta letra ou se contorceu por uma afetada tradução de incultos, mas como que transpôs cativos os significados para a sua língua – com justiça, a língua do vencedor.

Omissae sunt partes 7, 8 et 9

Foram omitidas as partes 7, 8 e 9

X. Lucas vir Apostolicus et Evangelista scribit, Stephanum primum Christi Martyrem in Iudaica concione narrantem: "In septuaginta quinque annibus descendit Iacob in Aegyptum: et defunctus est ipse, et patres nostri translati sunt in Sychem et positi sunt in sepulcro quod emit Abraham pretio argenti a filiis Emor patris Sychem." Hic locus in Genesi multo aliter invenitur, quod scilicet Abraham emerit ab Ephron Hetho, filio Seor, iuxta Hebron, quadringentis drachmis argenti, speluncam duplicem, et agrum circa eam, sepelietque in ea Saram uxorem suam. Atque in eodem legimus libro, postea revertentem de Mesopotamia Iacob cum uxoribus et filiis suis, posuisse tabernaculum ante Salem urbem Sychimorum, quae est in terra Chanaan, et habitasse ibi, et emisse partem agri, in quo habebat tentoria, ab Emor patre Sychem centum agnis: et statuisset ibi altare, et invocasset ibi Deum Israel. Abraham non

10. Lucas, homem apostólico e evangelista, descreve Estêvão, o primeiro mártir de Cristo, narrando numa assembleia judaica: "Jacó desceu ao Egito com setenta e cinco almas; e ele morreu, e os nossos pais foram levados a Siquém e colocados no sepulcro que Abraão comprou, por um valor em prata, dos filhos de Emor, pai de Siquém." No Gênesis, esse passo se encontra de modo muito diferente, porque Abraão teria comprado de Efrom, o heteu, filho de Seor, perto de Hebron, por quatrocentas dracmas de prata, uma gruta dupla e o campo ao redor dela, e nela teria sepultado Sara, sua esposa. E ainda no mesmo livro, vemos que Jacó, depois, voltando da Mesopotâmia, com suas esposas e filhos, estabeleceu sua tenda diante de Salém, a cidade dos siquemitas, que está na terra de Canaã, e aí habitou e comprou de Emor, pai de Siquém, por cem cordeiros, uma parte do campo em que possuía barracas, e aí construiu um altar e invocou o Deus de

emit specum ab Emor patre Sychem: sed ab Ephron filio Seor: nec sepultus est in Sychem, sed in Hebron, quae corrupte dicitur Arboch. Duodecim autem Patriarchae non sunt sepulti in Arboch; sed in Sychem, qui ager non est emptus ab Abraham, sed a Iacob. Differo solutionem et istius quaestiunculae, ut obtretractores mei quaerant, et intelligant, non verba in Scripturis consideranda, sed sensus. Vicesimi primi Psalmi iuxta Hebraeos idipsum exordium est, quod Dominus locutus est in cruce: "Eli Eli lama azabthani", quod interpretatur, "Deus meus, Deus meus, quare me dereliquisti?" Reddant rationem, cur Septuaginta translatore interposuerint, "respice me." Ita enim verterunt: "Deus Deus meus, respice me, quare me dereliquisti?" Respondebunt utique nihil damni in sensu esse, si duo verba sint addita. Audiant et a me non periclitari Ecclesiarum statum, si celeritate dictandi, aliqua verba dimiserim.

XI. Longum est nunc revolvere, quanta Septuaginta de suo addiderint, quanta dimiserint, quae in exemplaribus Ecclesiae, obelis, asteriscisque distincta sunt. Illud enim quod legimus in Isaia: "Beatus qui habet semen in Sion, et domesticos in Ierusalem," solent Hebraei deridere, cum audierint. Nec non et in Amos post descriptionem luxuriae: "Stantia putaverunt haec, et non fugientia." Verba sensus rhetoricus et declamatio Tulliana. Sed quid faciemus ad authenticos libros, in quibus haec non feruntur adscripta, et caetera his similia, quae si proferre nitamur, infinitis libris opus est. Porro quanta dimiserint, vel asterisci testes, ut dixi, sunt, vel nostra interpretatio, si a diligenti lectore Translationi veteri conferatur: et tamen iure Septuaginta Editio obtinuit in Ecclesiis, vel quia prima est, et ante Christi facta adventum, vel quia ab Apostolis (in quibus tamen ab Hebraeo non discrepat) usurpata. Aquila autem proselytus et contentiosus interpres, qui non solum verba, sed etymologias quoque verborum transferre conatus est, iure proicitur a nobis. Quis enim pro frumento et vino et oleo, possit, vel legere, vel intelligere, χεῖμα,

Israel. Abraão não comprou a gruta de Emor, pai de Siquém, mas de Efrom, filho de Seor, nem foi ele sepultado em Siquém, mas em Hebron, que, de modo corrupto, se chama Arboch. Ora, os doze patriarcas não foram sepultados em Arboch, mas em Siquém, <no> campo que foi comprado não por Abraão, mas por Jacó. Deixo para outro momento a solução desta questão de pouca importância, para que meus detratores a procurem e compreendam que não são as palavras que devem ser consideradas nas Escrituras, mas o sentido. Segundo os hebreus, o exato início do vigésimo primeiro salmo é o que o Senhor disse na cruz: "Eli, Eli, lama azabthani", que significa "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" Que deem a razão por que os tradutores da Septuaginta intercalaram "Volta o olhar sobre mim", pois traduziram deste modo: "Deus, meu Deus, volta o olhar sobre mim, por que me abandonaste?" Responderão, sem dúvida, que não há nenhum prejuízo no sentido se são acrescentadas duas palavras – que eles saibam também que a situação das Igrejas não seria colocada em perigo por mim, se, na pressa de ditar, eu omitisse algumas palavras.

11. Seria <muito> longo desenvolver agora quantas coisas os Setenta acrescentaram de seu, ou quantas omitiram, que se encontram distintas com obelos e asteriscos nos exemplares da Igreja. Com efeito, os hebreus costumam rir quando ouvem o que lemos em Isaías: "Bem-aventurado aquele que possui descendência em Sião e servos em Jerusalém"; também em Amós, após uma descrição de indolência: "Pensaram estas coisas como estabilidade, e não como fugacidade" – verdadeiramente uma sentença retórica ou uma declamação tuliana <ciceroniana>. Mas o que faremos em relação aos livros originais em que essas e demais coisas semelhantes a essas não são trazidas escritas, as quais, se nos esforçássemos em publicar, necessitariam um número infinito de livros? Ora, ou os asteriscos são testemunhas de quantas coisas os Setenta omitiram, como eu disse, ou nossa interpretação, se cotejada com a versão antiga por um leitor diligente, e, todavia, com justiça, a edição dos Setenta é reconhecida nas Igrejas, ou porque é a primeira e foi feita antes do advento de Cristo, ou porque foi usada pelos apóstolos – nas passagens, porém, em

ὄπωρισμόν, σιλπνότητα, quod nos possumus dicere "fusionem, pomationemque," et "splenditiam." Aut quia Hebraei non solum habent ἄρθρα, sed et πρόαρθρα, ille κακοζήλωσ, et syllabas interpretatur, et litteras dicitque σὺν τὸν οὐρανὸν καὶ σὺν τὴν γῆν, quod Graeca et Latina lingua omnino non recipit; cuius rei exemplum ex nostro sermone capere possumus. Quanta enim apud Graecos bene dicuntur, quae si ad verbum transferamus, in Latino non resonant: et e regione, quae apud nos placent si vertantur iuxta ordinem, apud illos displicebunt.

que ela não difere do hebraico. Por sua vez, Áquila, prosélito e controverso tradutor, que se esforçou para traduzir não só as palavras, mas também suas etimologias, com justiça é rejeitado por nós. Quem poderia, com efeito, ler ou compreender como 'trigá 'vinho' e 'oleo' <as palavras> χεῖμα, ὄπωρισμόν e σιλπνότης, que podemos entender como 'terrimento' 'colheita de frutas' e 'splendor'? Ou, porque os hebreus não têm apenas artigos (ἄρθρα), mas também outros prefixos (πρόαρθρα), ele, com mau gosto, traduz não apenas as sílabas, mas também as letras, e diz σὺν τὸν οὐρανὸν καὶ σὺν τὴν γῆν, o que as línguas grega e latina absolutamente não admitem, fato do qual nós podemos tomar um exemplo a partir de nossa língua. De fato, quantas coisas são bem ditas entre os gregos, que, se traduzirmos palavra por palavra, não soam <bem> em latim! E, ao contrário, <quantas coisas> que entre nós são agradáveis, se traduzidas segundo a ordem, serão desagradáveis entre os gregos!

XII. Sed ut infinita praeteream, et ostendam tibi, vir omnium nobilium Christianissime, et Christianorum nobilissime, cuiusmodi falsitatis me in epistulae translatione reprehendant, ipsius epistulae ponam cum Graeco sermone principium, ut ex uno crimine intelligantur et caetera. Ἐ δεῖ ἡμᾶς ἀγαπητέ μὴ τῆ οἰήσει τῶν κλήρων φέρεσθαι, quod ita me vertisse memini: "Oportebat nos, dilectissime, clericatus honore non abuti in superbia." Ecce, inquit, in uno versiculo quanta mendacia. Primum ἀγαπητός, dilectus est non dilectissimus. Deinde οἰήσις, aestimatio dicitur, non superbia; non enim dixit οἰήματι, sed οἰήσει: quorum alterum tumorem, alterum arbitrium sonat. Totumque quod sequitur, "clericatus honore non abuti in superbia, tuum est. Quid ais. o columen litterarum, et nostrorum temporum Aristarche, qui de universis scriptoribus sententiam feras? Ergo frustra tanto tempore studuimus; et a saepe manum ferulae subduximus." Eredientes de portu, statim impigimus. Igitur quia et errasse humanum est; et confiteri errorem, prudentis: tu quicumque reprehensor es, tu me obsecro emenda praeceptor, et verbum de verbo exprime. Debueras, inquit, dicere: "Oportebat nos, dilecte, non aestimatione Clericorum ferri." Haec est Plautina eloquentia, hic lepos At-

12. Mas, para que eu deixe de lado infinitas coisas e mostre a ti, o homem mais cristão de todos os nobres e o mais nobre de todos os cristãos, de que tipo de falsidade me repreendem na tradução da carta, apresentarei o início da própria carta com o idioma grego, para que, a partir de uma acusação, sejam compreendidas também as demais: "Ἐδεῖ ἡμᾶς, ἀγαπῆτε, μὴ τῆ οἰήσει τῶν κλήρων φέρεσθαι, que lembro de ter vertido deste modo: "Era-nos necessário, dilectísimos, não abusar da honra do clericado para servir à soberba". Eis, dizem, quantas mentiras numa única linha! Em primeiro lugar, ἀγαπητός significa 'dileto' e não 'dilectíssimo'. Depois, οἰήσις significa, 'opinião' e não 'soberba'; de fato, não se disse οἰήματι, mas οἰήσει, palavras das quais uma significa 'tumor', e a outra, 'juízo'. E <quanto a> tudo o que se segue, "não abusar da honra do clericado para servir à soberba", <dizem:> "é teu". O que fazes, ó sumidade das letras e Aristarco de nossos tempos, que dás teu parecer acerca de todos os escritores? Então foi em vão que por tanto tempo estudamos e muitas vezes retiramos a mão à palmatória (i. e., frequentamos a escola). Saindo do porto, imediatamente encalhamos. Enfim, porque errar é humano e confessar o erro é sábio, tu, censor, quem quer que sejas, tu, mestre, suplico-te,

ticus, et Musarum, ut dicunt, eloquio comparandus. Completur in me tritum vulgi sermone proverbium: Oleum perdit et impensas, qui bovem mittit ad ceroma. Haec non est illius culpa, cuius sub persona alius agit Tragoediam; sed Ruffini et Melanii magistrorum eius, qui illum magna mercede nihil scire docuerunt. Nec reprehendo in quolibet Christiano sermonis imperitiam: atque utinam Socraticum illud haberemus: Scio, quod nescio; et alterius sapientis (Chilonis ut putatur): Teipsium intellige. Venerationi mihi semper fuit non verbosa rusticitas, sed sancta simplicitas. Qui in sermone imitari se dicit Apostolus, prius imitetur virtutes in vita illorum, in quibus loquendi simplicitatem excusabat sanctimoniae magnitudo; et syllogismos Aristotelis, contortaque Chrysippi acumina, resurgens mortuus confutabat. Caeterum ridiculum, si quis et nobis manens inter Croesi opes, et Sardanapali delicias, de sola rusticitate se iacet: quasi omnes latrones, et diversorum criminum rei, diserti sint: et cruentos gladios, Philosophorum voluminibus, ac non arborum truncis occultant.

corrige-me e traduz literalmente. Deverias, diz ele, dizer: "Era-nos necessário, diletos, não sermos levados pela opinião dos clérigos". Esta é a eloquência plautina, esta é a graça ática que, como dizem, deve ser comparada à linguagem das musas. Cumpre-se em mim o conhecido provérbio, na linguagem do povo: "Perde o óleo e as despesas aquele que manda um boi para os exercícios atléticos". Esta culpa não é daquele sob cuja máscara um outro representa a tragédia, mas é de Rufino e Melânia, seus mestres, os quais, por um grande preço, ensinaram-no a nada saber. E não censuro, em qualquer cristão que seja, a imperícia de linguagem, e oxalá considerássemos aquele socrático "sei que nada sei" e o "conhece-te a ti mesmo", de outro sábio, Quilão, como se pensa. Sempre foi de minha veneração não a verbosa rusticidade, mas a santa simplicidade. Aquele que se diz imitar os apóstolos na linguagem, antes imite em sua vida as virtudes deles, nos quais a grandeza da santidade escusava a simplicidade de falar, e um morto ressuscitado refutava os silogismos de Aristóteles e as sutilezas intrincadas de Crisipo. De resto, seria ridículo se alguém de nós, permanecendo entre as riquezas de Cresos e as delícias de Sardanapalo, se jactasse apenas de sua rusticidade, como se todos os ladrões e réus de acusações diversas fossem cultos, se ocultassem as espadas ensanguentadas em volumes de filósofos e não em troncos de árvores.

XIII. Excessi mensuram epistulae, sed non excessi doloris modum. Nam qui falsarius vocor; et inter muliercularum radios et textrina dilanior, contentus sum crimen abnuere, non referte. Unde arbitrio tuo cuncta permitto; ut legas ipsam epistulam, tam Graecam quam Latinam: et illico intelliges accusatorum meorum naenias, et probrosas querelas. Porro mihi sufficit amicum instruxisse carissimum: et in cellula latitantem diem tantum exspectare iudicii. Optoque, si fieri potest, et si adversarii siverint, Commentarios potius Scripturarum, quam Demosthenis et Tullii Philippicas tibi scribere.

13. Excedi a dimensão de uma carta, mas não excedia medida de minha dor, pois eu, que sou chamado de falsário e sou rasgado em pedaços entre as lanças e teares das mulherezinhas, estou contente em repelir a acusação e não revidar. Por isso, confio tudo a teu julgamento, para que leias a própria carta, tanto a <versão> grega quanto a latina, e compreenderás imediatamente as lamentações e queixas vergonhosas de meus acusadores. De agora em diante, me é suficiente ter instruído um amigo caríssimo e apenas esperar, retirado em minha cela, o dia do Juízo. E desejo escrever para ti, se for possível e meus adversários permitirem, antes comentários das Escrituras, do que filípicas de Demóstenes e de Túlio <Cícero>.

Considerações Finais

Muito embora a Carta 57 seja famosa entre muitos estudiosos de tradução, acreditamos que entre nós ela mereça ser mais conhecida, porque trata de certos problemas de tradução que até hoje geram discussão. Ou seja, questões como a literalidade ou não de uma tradução, a omissão ou acréscimo de termos, a paráfrase e a adaptação são fonte de divergência entre especialistas. Temos consciência de que muito mais poderia ser mostrado sobre a temática de tradução com base na obra de São Jerônimo. Por ora, limitamo-nos a mostrar que certas discussões que perduram até hoje tiveram início há séculos atrás e foram o alicerce dos estudos posteriores. Efetivamente, em qualquer área do conhecimento é importante que se faça um esforço para entender a trajetória histórica da matéria em questão, por meio do estudo de seus clássicos.

Bibliografia

- MARAVAL: *Jerônimo: tradutor da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1998.
 OUSTINOFF, M. *Tradução: história, teoria e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
 SAINT JÉRÔME. *Lettres*. Traduites en français par Grégoire et Collombet. Lyon: Librairie Catholique de Perisse Frères, 1837. T. 2:140-183.